

Por que avançamos tão devagar na Educação?

José Moran

Educador e pesquisador de projetos de inovação

www2.eca.usp.br/moran

Há uma pressão enorme por mudanças na educação em todos os níveis. Estamos de acordo em que precisamos ensinar e aprender de forma mais criativa, personalizada, por experimentação e design. Encontramos algumas escolas e universidades diferenciadas, com propostas pedagógicas muito interessantes. Mas a maioria vai mais devagar do que desejaria.

Por que temos tantas dificuldades em transformar a educação?

Há condições estruturais que dificultam a mudança e que são essenciais para uma transformação mais consistente, sistemática na educação do país: não conseguimos atrair com os baixos salários e valorização profissional os melhores gestores e docentes possíveis. Nossas políticas públicas não têm continuidade e consistência, excesso de burocracia, visão mercantilista em diversos grupos privados, cultura tradicional de boa parte da sociedade, incluindo os alunos. São inúmeros os fatores que explicam a lentidão.

Apesar disso, observo que há escolas e universidades interessantes que desenvolvem propostas atraentes, interdisciplinares, atraem e mantêm bons profissionais, desenvolvem projetos relevantes, encantam os estudantes, envolvem as famílias. Gestores e docentes conversam de verdade, aprendem juntos, ouvem os alunos, reavaliam com frequência os resultados.

Por que alguns conseguem avançar mais claramente, enquanto outros – em condições semelhantes - o fazem mais devagar?

Em muitas instituições, o discurso é mais avançado que a prática. Falam em inovação e transformação, mas algumas contradições dificultam conseguir avanços mais rápidos e profundos. De um lado, o projeto pedagógico está bem atualizado, mas na sua execução parte dos docentes desenvolve práticas avançadas enquanto outra permanecem nas convencionais. Não há sintonia, interação, compartilhamento real das práticas, mesmo que, aparentemente, todos sigam as mesmas diretrizes.

A escola - básica e superior - é feita por pessoas e sua transformação, também. Muitos gestores, docentes, estudantes e famílias sentem-se inseguros no processo, resistem intimamente, hesitam ou postergam a aprendizagem de novas metodologias, tecnologias, processos. Uma parte boicota silenciosamente o projeto e torna mais lenta a sua adoção na prática. Onde há avanços menores, existe algum grau de dificuldade de entendimento real, de acertar as diferenças, falta algum nível de comunicação verdadeira.

A dificuldade em mudar deve-se principalmente à resistência íntima das pessoas, à diferença entre o que dizem e fazem, entre o discurso e sua prática. O grande problema das organizações é a dificuldade em dialogar no sentido profundo, em alinhar seus processos, valores, ritmos. Algumas organizações acertam de verdade as diferenças; em outras, as aparências enganam, há uma luta encoberta; umas conversam de verdade, enquanto outras vivem tensões mal resolvidas, com grupos que se fecham entre si e boicotam os que querem mudar.

A dificuldade mais estrutural de mudar está atrelada ao nosso egoísmo, visão de mundo deficiente, estreiteza mental e emocional, à desigualdade profunda que construímos nos

últimos anos – apesar dos avanços - à dificuldade em buscar soluções conjuntas, de entender o diferente. Vivemos – a maioria - em casulos, em condomínios pequenos físicos e mentais, apegados a valores muito rasteiros que nos mantêm presos a valores muito simplórios, que dificultam nosso caminhar para tornar-nos mais livres, solidários, menos desiguais.

Os avanços na educação também são dificultados pelo incremento de alguns grupos econômicos, principalmente grandes, com foco no mercado. São empresas empreendedoras, que veem a educação como investimento econômico, e estão mais atentas ao retorno financeiro do que a melhorar a qualidade da aprendizagem dos alunos. Trabalham com escala, turmas grandes, pouca valorização docente e uso intensivo de tecnologias para baixar custos.

Mesmo grupos avançados em ideias têm dificuldade em trabalhar em parceria; cada um cuida da sua empresa, sua Startup, sua ONG, da promoção da sua solução, do seu negócio; cada um se acha intimamente melhor que o outro e tem dificuldade em colaborar de verdade com os demais. Os modelos de corrupção, de oferecer vantagens também acontecem na educação. A nossa legislação complexa, burocrática de avaliação predominantemente quantitativa, complica ainda mais os que têm medo de ousar: preferem agradar o MEC, preencher os indicadores previstos, conseguir bons resultados oficiais.

Em síntese, encontramos organizações com todas as condições para inovar, que o fazem de forma parcial e contraditória e, ao lado, outras, com muitos menos recursos, que conseguem desenvolver projetos mais arrojados e coerentes com o que se espera de um mundo conectado. É importante conhecer os modelos das escolas muito inovadoras, porque sinalizam uma tendência irreversível para as demais, no médio prazo.

Há uma pressão enorme por mudanças na educação em todos os níveis. Essa pressão é benéfica para todos e acelerará o ritmo das transformações. Num mundo multicultural, permanentemente conectado e em profunda transformação, faz todo sentido a educação baseada em valores, desenvolvimento de competências e aprendizagem por projetos. As aprendizagens por experimentação, por design, a aprendizagem *maker* são expressões atuais da aprendizagem ativa, personalizada, compartilhada.

As escolas (básicas e superiores) precisam trabalhar em dois planos, o de curto e o de médio prazo. Há mudanças que são mais facilmente implementáveis em um ou dois anos, enquanto que há outras que precisam ser cuidadosamente preparadas para serem bem-sucedidas, evitando possíveis retrocessos e reviravoltas.

O primeiro passo e o mais importante é o da mudança mental, da mudança cultural, da discussão ampla, do envolvimento de todos, mostrando que estas novas formas de aprender fazem mais sentido

As metodologias com tecnologias podem começar dentro de uma disciplina e ir agregando progressivamente áreas de conhecimento. Com o domínio das metodologias ativas, o avanço dos projetos integradores, o passo seguinte é dar maior atenção às competências socioemocionais e ao projeto de vida do aluno. Isso possibilitará planejar posteriormente um currículo por competências, áreas de conhecimento, mais personalizado e modelos híbridos mais aprofundados.

É preciso viver a vida que se pretende mudar. Quanto mais avançarmos em conhecimento, valores, competências e práticas de vida libertadores, mais ajudaremos a transformar nossas

vidas e as dos nossos estudantes. Pessoas que vivem o que aprendem são pessoas que transformam.